
CRUZES, EPITÁFIOS

E SEPULTURAS:

OS CEMITÉRIOS

DE URUSSANGA (SC)*

JULIA MASSUCHETI TOMASI**

Resumo: *no final do século XIX, e na primeira metade do XX, muitos foram os cemitérios inaugurados na cidade de Urussanga, a intitulada capital italiana de Santa Catarina. Seus mais de dez cemitérios caracterizam-se pela presença de epitáfios escritos em dialeto italiano, cruzes em metal feitas há mais de um século e sepulturas de grande porte, principalmente as capelas.*

Palavras-chave: *Cemitérios. Morte. Urussanga. Imigração italiana.*

A cidade de Urussanga, que se localiza no sul do estado de Santa Catarina, a 185 km da capital Florianópolis, foi fundada em 26 de maio de 1878, recebendo no final do século XIX grande quantidade de imigrantes italianos. Estes, que desembarcaram a “QuestaMérica”, vieram de diversas regiões da Itália, principalmente de Vêneto, Treviso, Veneza, Údine, Beluno, Mântua, Cremona, Bérgona e Trento, tornando-se Urussanga o principal centro da colonização italiana do sul do estado catarinense.

* Recebido em: 15.06.2012.

Aprovado em: 03.08.2012. Este artigo é uma síntese de um dos capítulos do Trabalho de Conclusão de Curso em História, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), defendido pela autora no ano 2010. Para saber mais, ver: TOMASI, Julia Massucheti. *Morte à italiana: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX*. 2010. 120 p. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

** Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação da UDESC. Graduada em História pela UDESC. Membro da diretoria da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais do Interditus - Grupo de Estudos Cemiteriais de Santa Catarina. E-mail: juliamtomasi@hotmail.com. E-mail: marmorabilia@gmail.com

Através de eventos festivos, como a Festa do Vinho, que ocorre a cada dois anos, desde 1984, a cidade recebe turistas de diversas localidades, mostrando aos seus visitantes a gastronomia e, principalmente, os diversos vinhos produzidos na região, como aponta Ana Silva (2006). Outra festa é a *RitornoAlleOrigini*, que ocorre também a cada dois anos, desde 1991, atraindo igualmente grande quantidade de visitantes. Nas edições dessa festa, por meio de *slogans* como “A festa mais autêntica da tradição italiana de Santa Catarina”, e *folders* com fotografias do início do século XX, observa-se um processo de rememoração da cultura e identidade italiana. Assim, através das festas, com as apresentações musicais e indumentárias típicas ou folclóricas, tenta-se representar os habitantes da cidade como italianos, mesmo que nascidos no Brasil, como destaca Falcão (2004, p. 76).

Aspectos da imigração italiana podem ser observados em diversas práticas e costumes do dia a dia, com, por exemplo, na alimentação, na música, nas danças, nas festividades, e de modo acentuado na religiosidade – o catolicismo – “exportado” da Itália pelos imigrantes, e ensinado aos descendentes, como se vê, por exemplo, através da oração diária do terço.

Segundo Beneduzi (2008, p. 53), os imigrantes italianos que chegaram ao sul do Brasil no final do século XIX, trouxeram consigo um catolicismo fervoroso, que podia ser observado através “dos sacramentos, a participação masculina no mundo religioso, o lugar primeiro da capela”. Assim, esse “apego” e devoção pela Igreja Católica já era presente muitas vezes desde a infância ou juventude na “terra natal”, como se observa entre os trentinos, que no “aspecto moral, era fortemente tangenciado pelos mandamentos da Igreja Católica, através de seus bispos e curas”, como menciona Silva (2001, p. 20).

Parte dos imigrantes que chegaram a Urussanga, provinham de regiões italianas onde os membros da Igreja exerciam grande autoridade. Principalmente na região norte da Itália, como entre a sociedade trentina, a Igreja Católica era a autoridade, como se percebe através do jornal de Trento, que era controlado pelo arcebispo (SILVA, 2001, p. 20).

Os imigrantes italianos trouxeram consigo uma religiosidade viva, caracterizada pelas “práticas caseiras” como a oração do rosário, a vivência comunitária religiosa e as ladainhas de Nossa Senhora (BENEDUZI, 2008, p. 52). Elaborando uma religiosidade distinta das já existentes no Brasil, introduziram um catolicismo “romanizado, mas não menos sincrético, apenas composto por um sincretismo diferente, não ibérico, mas itálico” (BENEDUZI, 2008, p. 60).

Inicia-se então, segundo José Rios, uma diferenciação na “religião tradicional”, ou seja, no catolicismo. As regiões norte e nordeste brasileiras permanecem representando “o núcleo de religião tradicional, luso-brasileira, enquanto nas províncias do Sul, pela cunha de imigração, penetram [...] uma religiosidade comunitária, de classe média, sem nenhum vínculo com a estrutura social da casa-grande” (RIOS, 1994, p. 32).

O padre era considerado pelas comunidades italianas um “santo”, e entre os vênetsos era atribuído a eles, inclusive, “poderes quase sobrenaturais. A sua relação com a comunidade era marcada por um forte paternalismo e todas as decisões eram tomadas de acordo com sua vontade”, conforme salienta Beneduzi (2008, p.102-3).

E na cidade de Urussanga, o padre era uma das pessoas mais importantes nas práticas dos rituais de morte no decorrer do século XX. Desde a extrema-unção,

sua presença era fundamental para que a alma do falecido fosse em paz, como destaca Achile de Pellegrin (2010). Também eram essenciais na celebração da encomendação, e em alguns casos acompanhavam o ato do sepultamento.

Além da influência dos padres nos rituais fúnebres, a Igreja Católica durante mais de meio século controlava o cemitério, intervinha nos ritos de morte e, em grande medida, interferia na vida social dos urussanguenses.

COM CRUZES E CAPELAS: OS CEMITÉRIOS DO CENTRO DA CIDADE DE URUSSANGA

Volto pois a flunar pela cidade, em busca de curiosidades. Entro no cemitério, atrás da igreja em reconstrução. Muros caídos, mato crescido, monumentos desmantelados. Leio os epitáfios, escritos em língua curiosa. Um misto de português, italiano e latim, simples e ingênuos. Destaco dois. O primeiro, de um rapaz cujo retrato em um medalhão nos mostra um moreno, tipo de napolitano, de grandes olhos negros, pestanudos e ardentes. Diz que ali dorme o Giovanino, morto aos dezoito anos, e como assinatura: 'Papai e Mama'. O outro, era de um casal. Nasceu ela no Norte da Itália e ele em Nápoles, ambos no mesmo dia. (Francisco de Barros Júnior)

Francisco de Barros Júnior, escritor e naturalista brasileiro, percorrendo o sul do país na década de 1940 passou por “Uruçanga [...] terra de um vinhinho branco [...] cidadezinha [...] pitoresca, fundada e habitada quase só por italianos e seus descendentes, desde que nasceu, há mais de oitenta anos” (BARROS JÚNIOR, 1945, p. 31-2). Ele deixou registrado em seus escritos do ano de 1945 aspectos bastante peculiares e interessantes sobre um campo-santo¹.

Esse cemitério, localizado no centro, atrás da igreja matriz de Urussanga, foi inaugurado alguns anos após a chegada dos primeiros imigrantes italianos, no final do século XIX. Para Adão Bettioli (2009), tal cemitério foi criado para enterrar a menina Erminia, de 10 anos de idade que, segundo ele, era filha da falecida Lucieta Damiani, e avó da Iva Damiani. Foi enterrada em meio à mata, atrás da já existente capela e abaixo de uma árvore, para não se perder o local do sepultamento, como descreve emocionadamente Bettioli (2009): “e agora enterrar onde? Então atrás da igreja tinha um mato virgem ainda, mato, e tinha uma árvore grande, aí vamos enterrar de baixo dessa árvore, pra não perder ela (choro), porque depois é só mato. Aí limpavam, roçaram, puseram o cemitério”.

Já no final das décadas de 1940 e início de 1950, devido à falta de espaço nesse campo-santo, viu-se a necessidade de procurar um terreno espaçoso e afastado do centro urbano² para instalar o novo cemitério do centro. Desta forma, o campo-santo atrás da igreja matriz que se encontrava lotado, foi transferido para o atual cemitério municipal, inaugurado em 1952.

No dia 19 de novembro de 1951, no segundo livro tombo da paróquia de Urussanga, o prefeito do município comunica “ao Vigário a iniciativa do Governo da Comarca em fazer um Novo Cemitério afastado da cidade, porquanto o cemitério da igreja não tem mais área ocupável” (MARQUES, 1945, p. 67).



Figura 1: Igreja matriz de Urussanga nas primeiras décadas do século XX

Nota: percebe-se atrás da capela, ao lado direito, alguns túmulos que faziam parte do antigo cemitério do centro.

Fonte: acervo pessoal da autora (2010).



Figura 2:Localização espacial do cemitério municipal de Urussanga (destacado em vermelho) e do local onde até a década de 1950 ficava o cemitério do centro (demarcado em amarelo)

Fonte: Google Earth (2010).

Deslocar o cemitério para fora dos centros urbanos não é uma especificidade da cidade de Urussanga. Parte dos cemitérios brasileiros, no fim do século XIX e início do XX, foram retirados das proximidades das igrejas e dos centros das cidades e deslocados para regiões afastadas das habitações e do comércio. Isso ocorria, dentre outros motivos, devido o adensamento urbano e a especulação de áreas centrais, além da preocupação e o medo que se tinha com a teoria dos miasmas³, onde os odores de

putrefação e as sujeiras de fora “deveriam ser eliminados para não disseminarem doenças” (GÓMEZ; MINAYO, 2006, p. 2).

Os campos-santos eram considerados focos de doenças, principalmente derivados dos cadáveres. Com isso, por motivos sanitários e preceitos higienistas, principalmente do início do século passado, os cemitérios foram transferidos para locais mais arejados e distantes dos centros urbanos.

No município de Urussanga, em meio ao processo de transferência do campo-santo, as famílias foram avisadas para retirarem os restos mortais de seus entes, como recorda João Trento (2010), de 97 anos, que retirou os ossos de seu pai. Marlene Piacentini, que morava ao lado do antigo cemitério, recorda que os familiares dos mortos iam buscar os restos mortais junto com o sepultador⁴ Elias Biz, que fazia a exumação dos ossos: [...] já tava cheio, então eles fizeram assim, avisaram, né, pras pessoas, fizeram o ossuário lá dentro, um mausoléu, e daí chamavam as pessoas, as famílias, e deram um determinado prazo, os que não iam buscar os ossos colocavam lá no ossuário. Era o coveiro que tirava e levava.” (PIACENTINI, M., 2009).

VitalinoBiz, que era adolescente no período da transferência, lembra de ter ajudado seu pai, Elias Biz, na transferência dos ossos. Descreve detalhadamente como era realizada a exumação e a locomoção dos ossos até o novo cemitério, feita através de carro de boi:

Meu pai foi coveiro da igreja matriz de Urussanga, ficou cinqüenta anos na igreja. [...] tirava os ossos daqui. Quando nós tirava daqui, lá já tinha um lugar preparado. E aqueles que eram indigentes, no final nós amontoava então. Os ossos foi retirado tudo, quando foram fazer a terraplanagem, o padre encarregava nós de lá, que de acordo como rolava nós chegava e ia amontoando. Depois quando tinha bastante nós pegava e levava lá dentro [no cemitério municipal]. E botava no ossuário. Aqueles que não apareciam, que depois puseram aquele centro comunitário, nós levava lá dentro, eles fizeram um ossuário e nós jogava lá dentro. Se tu vai lá dentro, tem umas cinqüenta cabeças. É o que completou mesmo, tirar o resto, porque teve gente, vai embora pra outro lugar, não vem, agora quando fizeram a terraplanagem aí limpou, não ficou mais nada. Aqueles ali, aqueles ossos no cemitério ali, 90% foi eu e o meu irmão que tiramos, de dia nós tirava, né, e de noite nós tinha um carro de boi, nos enchia tudo aqueles caixão de osso e levava lá pra dentro (BIZ, 2009, p. 2-3).

Quando os familiares não iam buscar os restos mortais dos falecidos, como se observou no relato de VitalinoBiz, os ossos eram transportados para o ossuário do cemitério municipal. O ossuário foi inaugurado no ano de 1958, com a função de “acolher os ossos de desconhecidos e de pessoas pobres esquecidas no antigo campo-santo”, como mencionado no documento “Monumento Túmulo dos Pobres” de 3 de novembro de 1958 (MARQUES, 1945, p. 137).

Apesar de retirarem os ossos do antigo cemitério, muitas histórias comprovam que restos mortais foram “esquecidos” onde hoje está localizado o centro comunitário⁵. Histórias de ossos rolando do barranco e caindo na estrada, pessoas que recolhiam restos mortais e levavam ao ossuário, e crianças que encontravam ossos no chão e os transformavam em “brincadeira” são bastante comuns entre os urussanguenses.

Maria Zanin, de 85 anos, narra uma dessas histórias, descrevendo o dia em que um de seus filhos achou uma caveira ao chegar à catequese, na igreja matriz: “Uma vez quando o Fred era novo, eu ia levar ele na catequese, ele veio do cemitério, não veio

com uma cabeça do defunto? Eu disse pelo amor de Deus, com a cabeça de defunto. Ele fez a primeira comunhão com nove anos. Ele já tá com 59” (ZANIN, 2009, p. 4).

Como ocorreu no cemitério de Urussanga, nas transferências de campos-santos em outras cidades, ossos também foram esquecidos, como ocorrido em Florianópolis, como mostra a historiadora Elisiana Castro, com o trabalho intitulado “Aqui Jaz um cemitério: a transferência do cemitério Público de Florianópolis, 1923-1926”. Sua pesquisa é centrada na transferência do cemitério municipal da cidade de Florianópolis, na década de 1920, sendo deslocado do Morro do Vieira, na região central, para o bairro das Três Pontes, hoje Itacorubi. Ressalta que túmulos “foram abertos e muitos deles se quebraram, cruzes se partiram ossos com suas sepulturas foram deixados, no processo de retirada dos despojos do cemitério” (CASTRO, 2004, p. 59).

O antigo campo-santo do centro de Urussanga possuía uma arquitetura funerária bastante variada, sendo parte das sepulturas em cova simples⁶, com um ornamento funerário sobre a cova, em especial as cruzes, muitas delas trabalhadas em metal (esculpidas pelos ferreiros da cidade) ou madeira⁷.

Além das covas simples, os túmulos e as capelas⁸ também se faziam presentes, mas em menor proporção. Porém, dentre as tipologias cemiteriais, as que prevaleciam eram as covas simples ornamentadas pelas cruzes em ferro, como mencionam os entrevistados: “Só aquele motorete, né. Montinho de terra, túmulo tinha bem pouco. As palavras, né, na cruz, feita de ferro, que até nós temos aqui que guardaram, não sei onde guardou, aí então a cruz de ferro, tinha o nome” (ZANIN, 2009). E além das sepulturas, existia no centro do cemitério um cruzeiro⁹.

João Trento, de 97 anos, também recorda que a cruz de ferro era a ornamentação que prevalecia no cemitério da igreja matriz, mas lembra de alguns túmulos que, segundo ele, eram construídos em alvenaria e pintados de branco, fazendo referência ao túmulo de uma tia, que foi construído antes de seu nascimento:

Mas a mãe foi debaixo da terra, naquele tempo não tinha esse costume de fazer a capela. Tudo no chão. Sabia porque fazia a cova assim, botava a cruz, o nome, tinha de madeira, tinha de ferro. Não, tinha túmulo. Quem podia fazer, dinheiro, fazia túmulo. Eu tinha uma tia lá que tinha túmulo no velho, ela foi sepultada que eu não tava no mundo ainda, então ela tinha como é que se diz, o túmulo, de tijolo, cimento, né. Era branco. [...] era tudo igualzinho, mas tinha pouco. Oh, tudo no chão (TRENTO, 2010, p. 4).

Bettioli(2009, p. 2-3) recorda das pouquíssimas famílias que possuíam túmulos no antigo cemitério do centro, fazendo um trocadilho entre tais túmulos com a casa paroquial, igreja e a torre:

Lembro, túmulo tinha poucos, era só na terra. Terra e no meio do cemitério tinha um cruz grande, cruzeiro, né. Cruz das almas [...] Depois tinha um túmulo grande do Luca Batti, grande, e tinha outro do BezBatti, e tinha um do De Villa, do falecido Vicente De Villa, então eles diziam assim, la canônica, lachiesa e laCampanil. Porque a tumba do Luca Batti era bem grande, então diziam que aquela era a igreja, aquela do BezBatti era menor, diziam que era a casa paroquial, e aquela do De Villa então era mais estreita e tinham feito uma coisa bem comprido, alto, então diziam, La Canônica. É a casa paroquial, né, a igreja e a torre.

Após a transferência do cemitério da Igreja Matriz, as cruzes de ferro tiveram diversos fins. Algumas foram levadas para a casa de parentes do falecido, como se vê na residência de Mário e Maria Zanin, que conservam desde a década de 1950 até os dias de hoje duas cruzes de ferro (uma delas de Maria Zanin, que faleceu no ano de 1906 e outra de Gervasio Zanin, que morreu em 1927), como observa-se na Figura a seguir:



Figura 3: Duas cruzes de ferro encontradas na residência de Mário e Maria Zanin
Fonte: acervo pessoal da autora (2009).

Outro fim destinado às cruzes foi o aterramento do novo cemitério, conforme descreve detalhadamente o sepultador VitalinoBiz: “Agora fui aumentando o cemitério, fui jogando como aterro lá. É, tá em baixo da terra. Aonde tem o cemitério novo era uma baixada, cabia uns dois metros de aterro, eu joguei ali, aterraram tudo” (BIZ, 2009, p. 5).

Além disso, podem ser encontradas algumas cruzes na sala de Restauro do Museu Histórico Municipal Monsenhor Agenor Neves Marques. Provavelmente doadas por familiares dos falecidos ou coletadas nos lixos do cemitério municipal, cada qual apresenta um específico trabalhado em metal, como pode-se notar na próxima Figura:



Figura 4: Exemplos de cruzes de ferro do antigo cemitério do centro, pertencentes ao Museu Histórico Municipal Monsenhor Agenor Neves Marques

Fonte: acervo pessoal da autora (2009).

Já alguns túmulos, como os construídos em alvenaria, foram transferidos para o cemitério municipal, mas nos dias de hoje, segundo o sepultador Vitalino Biz, não existe nenhum desses exemplares do período da transferência.

Quanto ao cemitério municipal, este foi inaugurado no dia 2 de novembro de 1952, com a participação de autoridades municipais. Mas os enterramentos nesse novo campo-santo já haviam iniciado antes da inauguração oficial, conforme salienta parte dos entrevistados. O primeiro sepultamento ocorreu quando o cemitério ainda era repleto de mato, como descreve Bettioli (2009, p. 4):

O primeiro que foi enterrado no cemitério. Tu anota bem, foi Antônio Ferraro, ele foi o primeiro que foi enterrado no futuro cemitério novo, só tava demarcado, mas pra entrar tiveram que roçar o mato, que era tudo mato, capoeira alta ali, aí então ele foi enterrado no cemitério. O segundo enterrado no cemitério novo foi Antônio Bon, era casado com Angelina Spricigo [...], e o terceiro foi o meu pai. E, a quarta foi a Dona Arcângela Bez Fontana, morava no Rio América. Então aquela trouxeram direto do Rio América, entraram no cemitério e no dia que morreu meu pai, então, como fazer o enterro do meu pai, e na volta, morreu a Dea Dessa Macari, [...], aqueles cinco eu levei.



Figura 5: Dia da inauguração do cemitério municipal, em 1952

Fonte: acervo pessoal de Orlando Cadorin (2010).

O cemitério municipal, com o passar das décadas, sofreu alterações em sua estrutura e tamanho. A parte mais antiga do cemitério, chamada pelo sepultador Biz de ala velha, localiza-se na área central, onde existe a santa cruz. Posteriormente construíram a ala nova, alterando profundamente seu tamanho, visto a falta de espaço para os novos sepultamentos; e nos últimos anos construíram outra ala, chamada por Biz (2009, p. 15) de segunda ala nova.

Nesse novo campo-santo, durante décadas, as famílias tinham direito de comprar quantos lotes desejavam, diferente do antigo cemitério da Igreja Católica, visto que esta doava terrenos conforme seus interesses. Por ser um espaço público, os lotes do novo cemitério eram adquiridos pelos urussanguenses através da prefeitura da cidade, como se observa no livro de registro de venda de lotes. As vendas da ala velha iniciaram no dia 15 de maio de 1951, tendo como primeiro proprietário Paulo Zanelato, que adquiriu dois lotes (PILOTTO, 1951, p. 3).

Já na ala nova, os lotes foram vendidos a partir do dia 29 de outubro de 1982, tendo como primeiro proprietário Servir Bonetti, que adquiriu três lotes (PIVA, 1982, p. 2). As vendas dessa ala existem até os dias de hoje, como se constata através da compra de Manoel Viana, que adquiriu dois lotes no dia 14 de janeiro de 2010 (PIVA, 1982, p. 22).

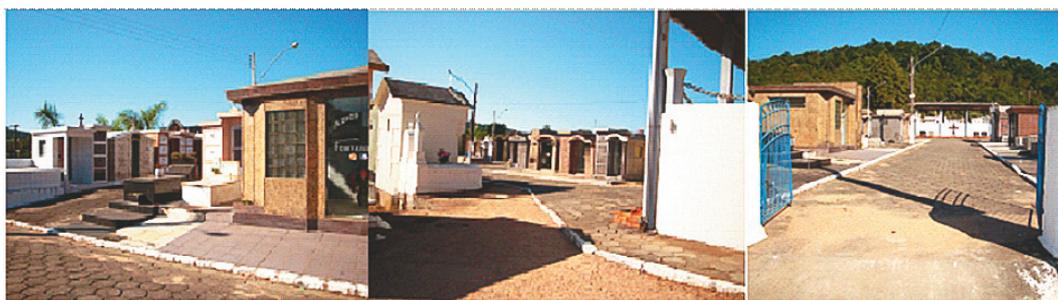


Figura 6: Cemitério Municipal de Urussanga
Fonte: acervo pessoal da autora (2009).

“QUI RIPOZA I RESTI MORTALI”: OS CEMITÉRIOS NAS ÁREAS RURAIS DE URUSSANGA

Além desses dois cemitérios do centro (o antigo pertencente à Igreja Católica, e o municipal), existem na cidade de Urussanga outros campos-santos. Alguns bastante antigos, remetendo ao final do século XIX e início do XX, enquanto outros foram inaugurados após a metade do século XX. Parte deles se encontra na área rural da cidade e se destaca pela beleza arquitetônica e preservação.

O cemitério de São Valentim, localizado no interior de Urussanga e ao lado da capela de mesmo nome, é o menor em dimensões e número de sepultamentos dentre os campos-santos de abrangência do município de Urussanga, possuindo vinte e uma covas simples e uma capela. Conforme menciona Romagna (2010), até as primeiras décadas do século XX, o cemitério ficava encostado da antiga capela, tendo inicialmente a delimitação em cercado de madeira (como observado na Figura 7), sendo transferido na reforma da igreja.



Figura 7: Cemitério de São Valentim antes da transferência
 Fonte: acervo pessoal da autora (2009).

Dentre as vinte e uma covas simples existentes no cemitério, dezoito delas são ornamentadas com cruzes construídas em madeira, sendo dezessete pintadas em vermelho e uma sem pintura, enquanto as outras 3 covas simples restantes possuem também cruzes, mas trabalhadas em metal.

As lápides¹⁰ existentes nas cruzes estão presentes apenas nas esculpidas em metal, localizadas dentro de um coração também em metal no centro da cruz (escritas em baixo relevo), sendo o sepultamento mais antigo, conforme as inscrições, de 9 de julho de 1892. Nessas lápides, encontram-se inscrições de identificação do sepultado escritas em dialeto italiano, além de epitáfios¹¹ também em italiano, como se observa na Figura a seguir:



Figura 8: Cova simples ornamentada com cruz de ferro no cemitério de São Valentim, com a lápide mais antiga encontrada: “QuiRipoza i Restimortalidi (nome) M 9.7.1892 Dani 40”¹²

Fonte: acervo pessoal da autora (2009).

Durante as primeiras décadas de existência, estavam enterrados nesse cemitério apenas integrantes da família Longo, uma das únicas famílias moradoras da região, como destacam Romagna (2010) e Bettiol (2009). E durante mais de 50 anos, este ficou “desativado”, sem ocorrer sepultamentos, até o ano de 2004, quando foi construída uma capela¹³, sendo enterrados no mesmo ano dois integrantes da família Zavarise, como indicado nas lápides. Para a construção da capela foram retirados dois sepultamentos do local: “Aquela capela foi o Zavarise quem fez. Tirou o pai da Ágata, o Domênico Longo, e a Maria Romagna (BETTIOL, 2009, p. 9).

Quanto ao seu estado de conservação, todas as cruzes de ferro apresentam ferrugem e corrosão, e algumas das cruzes de madeira estão apodrecendo, com presença de descascamento da tinta vermelha. Porém, caracteriza-se por conservar as cruzes trabalhadas em metal, do final do século XIX e início do XX.



Figura 9: Cemitério de São Valentim
Fonte: acervo pessoal da autora (2009).

Outro cemitério bastante antigo¹⁴ é o da Capela de São Lourenço, em Rancho dos Bugres. Conforme mencionado anteriormente, para Achile de Pellegrin (2010), esse foi o primeiro cemitério construído na cidade de Urussanga, com enterramentos dos primeiros imigrantes que se estabeleceram na região, como por exemplo, integrantes da família Bortoluzzi, Romagna, Búrigo, Menegaz, Tramontin, Cagere, Salmondo, Mondo, Bez, Rosso, entre outros.



Figura 10: Cemitério da capela de São Lourenço, no bairro de Rancho dos Bugres
Fonte: acervopessoal da autora (2009).

Cemitério de maior porte quando comparado com as dimensões e o número de sepulturas de São Valentim, o campo-santo de Rancho dos Bugres fica atrás da Capela de São Lourenço, que segundo Achile de Pellegrin (2010) é a primeira igreja da cidade. Na parte da frente do cemitério existem covas simples ornamentadas com cruzes em metal, fabricadas pelos ferreiros da cidade há mais de um século, como se constata em um sepultamento do ano de 1894:



Figura 11: Cruz no cemitério de Rancho dos Bugres

Nota: inscrição da lápide – QUI GACCE IL CORPO DEL DEFFUNTO GIACCOBE GENOVEZE NATO AL 10 APRILE DE 1804 MORTO AL 13 APRILI DE 1894.

Fonte: acervo pessoal da autora (2009).

O cemitério de Rancho dos Bugres possui diversas capelas construídas nas últimas décadas, como também túmulos de grande porte construídos nos anos de 1940 e 1950, muitos deles revestidos em azulejos. Tais sepulturas vêm passando por reformas há alguns anos, sendo que as famílias estão retirando as cruzes e os túmulos antigos, principalmente do início do século XX, e substituindo por capelas, como ocorreu com o túmulo da mãe de AmabileRomagna:

Tinha bastante cruz. Coração no meio, com uma data marcada. Naquele tempo era enterrado no chão. Agora o meu bisavô, quando ele morreu, a falecida mãe que conta, que nós era pequena, nós era pequena. Morreu a nonna, ela morreu antes de eu nascer, mas fizeram túmulos lá. Fizeram túmulo, [...] e agora, essa sobrinha minha, filha do meu irmão, daquele que morreu, fez uma capela, tiraram o túmulos da minha mãe, tiraram o túmulo e botaram tudo junto. Era branco, tudo branco (ROMAGNA, 2010, p. 8).

Diversas cruzes em metal, do final do século XIX e início do XX, foram retiradas do seu local original de sepultamento e estão amontoadas em um canto, na entrada do cemitério, junto com coroas de flores naturais secas. Percebe-se nessas cruzes o péssimo estado de conservação, de modo que algumas delas, devido à corrosão e ferrugem, não têm mais inscrição nas lápides.



Figura 12: Cruzes amontoadas próximo da entrada do cemitério de Rancho dos Bugres
Fonte: acervo pessoal da autora (2009).

Outro campo-santo que também possui sepultamentos do início do século passado é o do Rio Caeté. Cemitério com grande quantidade de capelas está localizado ao lado da igreja Santo Antônio, no bairro de Rio Caeté. Os sepultamentos mais antigos encontram-se na parte de trás do cemitério, na parede lateral, encostados da igreja.

Nessa ala mais antiga, possui alguns exemplares das covas simples com cruzes de ferro, como também túmulos ou apenas covas simples com cabeceiras construídas em alvenaria, das primeiras décadas do século XX (como pode-se ver na Figura 13). As sepulturas mais antigas estão em bom estado de conservação, apesar dos musgos, umidade e descascamento da tinta, além de seus ornamentos, como as cruzes em metal, que estão bastante enferrujadas.



Figura 13: Cemitério de Rio Caeté
Fonte: acervo pessoal da autora (2009).

Os cemitérios de Rio Maior, Belvedere e Palmeiras do Meio também caracterizam-se pela presença de sepultamentos do início do século passado, existindo nos três casos as covas simples com cruzes em metal. O cemitério de Rio Maior, diferente dos outros campos-santos da cidade, não se localiza ao lado da capela (Igreja de São Gervásio e São Protásio), mas encontra-se próximo desta. Nesse cemitério, o número de covas simples com cruzes em metal é significativo, sendo parte delas fincadas em uma base de alvenaria que está quase sempre pintada na cor branca. Espalhadas em quase todas as imediações do cemitério, as cruzes são encontradas tanto no início, quanto no final do campo-santo, não possuindo visivelmente uma ala antiga.

Com seu chão em gramado, o cemitério de Rio Maior caracteriza-se pelo bom estado de conservação dos túmulos e ornamentos, apesar das cruzes estarem enferrujadas e com descascamento da tinta branca.



Figura 14: Cemitério de Rio Maior
Fonte: acervo pessoal da autora (2009).



Figura 15: No fundo da foto, cemitério de Rio Maior nas primeiras décadas do século XX
Fonte: Escravaco (1984, p. 138).

Como o cemitério de Rio Maior, o de Belvedere, mas, principalmente, o de Palmeiras do Meio é conhecido pelos urussanguenses como cartão postal, visto o cuidado da população com seu campo-santo, além do bom estado de conservação presente nos ornamentos funerários, especialmente o zelo com as antigas cruzes em metal.

Além desses oito cemitérios descritos acima, existem outros nos bairros de São Pedro, Rio América, Santana e Estação, sendo os três últimos mais recentes. O cemitério de São Pedro, bastante diversificado em sua arquitetura cemiterial, possui capelas, além de túmulos em diversos materiais construtivos. Possui um espaço para os inocentes¹⁵, e tem sepultamentos do início do século passado, mas não possui em seu interior nenhuma cova simples com a cruz esculpida em metal, como nos demais cemitérios antigos da cidade.



Figura 16: Cemitério de São Pedro
Fonte: acervo pessoal da autora (2009).

Já o cemitério de Rio América é bastante recente, sendo encontrada nas lápides como década de sepultamento mais antiga a de 1960. Caracteriza-se pela grande quantidade de capelas, além das palmeiras plantadas na alameda central e da ala dos inocentes, estando essa parte do cemitério em péssimo estado de conservação, como resultado da erosão do solo, tombamento dos túmulos, infiltração de umidade, além dos musgos, ferrugem nas cruzes, descascamento da tinta, entre outros fatores de destruição.



Figura 17: Cemitério de Rio América
Fonte: acervopessoal da autora (2009).

O campo-santo de Santana é outro bastante recente na cidade, sendo que anteriormente, quando morria alguém da região, este era enterrado no cemitério do centro, conforme salienta Bettioli (2009). Foi construído após a descoberta do carvão mineral, o que resultou no movimento intenso de migrantes brasileiros que chegavam ao bairro, como descreve Bettioli: “Em Santana também, depois da mineração, então eles fizeram um lá em cima pra eles, porque os brasileiros queriam ficar com o do mesmo, mas os italianos em Santana, Rio Carvão, são tudo enterrado nesse cemitério” (BETTIOLI, 2009, p. 11).

Como em Santana, no bairro de Estação Cocal também existe outro cemitério que é igualmente recente, e tem em seu interior grande quantidade de capelas, como pode-se ver na Figura a seguir:



Figura 18: Cemitério de Estação Cocal
 Fonte: acervopessoal da autora (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, dentre todos os campos-santos da cidade de Urussanga, percebe-se nos mais antigos, em especial os inaugurados no final do século XIX e início do XX, a presença das covas simples com as cruzes trabalhadas principalmente em metal, como também em madeira, além dos poucos túmulos construídos em alvenaria.

As cruzes em metal possuem quase sempre a lápide com identificação do sepultado, além do epitáfio em dialeto italiano, também bastante recorrente. Assim, a identificação do falecido durante o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX era feita principalmente através das lápides, sendo que essas identificações, segundo Rezende, demonstram como foi o morto em vida, ou seja, é uma “tentativa de perpetuação e imortalidade” (2007, p. 44).

A ausência de outros modelos arquitetônicos, como as capelas, ocorreu até a metade do século XX, quando os pedreiros e sepultadores começam a construí-las. Após as décadas de 1950/60, as capelas tornaram-se a tipologia tumular mais frequente nos cemitérios do município, sendo construídas e/ou revestidas em variados materiais (granito, mármore, azulejo, alvenaria, vidro, entre outros) e em diversos tamanhos. Seus formatos são variados, sendo algumas delas com telhados ou apenas laje, havendo na maioria das capelas altares e bancos em seu interior, além de gavetas para sepultamentos, existindo em algumas mais de oito espaços para novos falecidos, conforme Figura 19:



Figura 19: Modelos de capelas nos cemitérios de Urussanga
Fonte: acervopessoal da autora (2009).

Nota-se então, que o alto investimento econômico nas sepulturas acabou se tornando comum após a metade do século XX entre as famílias da cidade, apesar de algumas, em especial das classes econômicas mais baixas, sepultarem ainda em covas simples ou túmulos de pequeno porte, além da espacialização, visto que são enterrados quase sempre em lotes afastados da entrada.

Mas essa diferenciação arquitetônica está presente em diversos cemitérios ao redor do mundo, como ressalta o historiador Bellomo (2000, p. 15):

Os cemitérios reproduzem a geografia social das comunidades e definem as classes locais. Existe a área dos ricos, onde estão os grandes mausoléus; a área da classe média, em geral com catacumbas na parede, e a parte dos pobres e marginais. A morte igualitária só existe no discurso, pois, na realidade, a morte acentua as diferenças sociais.

Apesar dos mortos estarem reunidos em um mesmo campo-santo, cada qual está enterrado em um local e em uma sepultura. Alguns túmulos e capelas são bastante requintados, com alto investimento econômico que pode ser visto através das ornamentações e materiais construtivos empregados, enquanto outros são enterrados em cova simples ou em gavetas comuns, ou seja, “o cemitério reproduz, na sua topografia, a sociedade global, como um mapa reproduz um relevo ou uma paisagem (ARIÈS, 1990, p. 547).

E tal distinção social nos campos-santos brasileiros é destacada desde as primeiras décadas do século XX, a exemplo de Gilberto Freire, em seu livro *Sobrados e Mocambos*, de 1936: “O homem morto ainda é, de certo modo, uma homem social. E, no caso de jazigo ou monumento, o morto se torna expressão ou ostentação de poder, de prestígio, de riqueza dos sobreviventes, dos descendentes, dos parentes, dos filhos, da família” (FREIRE, 2000, p. 39).

Em suma, os cemitérios da cidade de Urussanga carregaram com o passar das décadas parte da história dos imigrantes italianos, que chegaram à região no final do século XIX. Com isso, alguns dos primeiros cemitérios da cidade são como museus, visto que trazem, entre outras características, ornamentos, como as cruzeiras em metal, feitas pelos ferreiros locais há mais de um século, como também os belos epitáfios nos variados dialetos italianos, além dos nomes dos primeiros colonos, que estão presentes nas inscrições das lápides.

CROSSES, GRAVES AND EPITAPHS: THE CEMETERIES OF URUSSANGA (SC)

Abstract: at the end of the 19th century and the first half of the 20th, many cemeteries were opened in the city of Urussanga, known as the Italian capital of Santa Catarina. His more than ten cemeteries are characterized by the presence of epitaphs written in Italian dialect, crosses made of metal for more than a century and a large grave, especially the chapels.

Keywords: Cemeteries. Death. Urussanga. Italian immigration.

Notas

- 1 Segundo Harry Rodrigues Bellomo (2000, p. 15), campo-santo tem o mesmo significado que cemitério, de modo que o “cristianismo, com sua mensagem de ressurreição, criou uma nova concepção de como vencer a morte e preservar a memória dos mortos. Assim surgiram os cemitérios cristãos, sugestivamente também chamados ‘campos santo’.”
- 2 O antigo cemitério estava localizado na região central da cidade, junto à igreja, praça, moradias e comércio.
- 3 Miasma tem como significado: “Emanação mefítica proveniente de matérias pútridas ou de moléstias contagiosas” (MICHAELIS ON-LINE, 2012).
- 4 O sepultador, também conhecido popularmente como coveiro, é assim chamado nesse trabalho devido o preconceito que a palavra “coveiro” carrega consigo, conforme salienta a pesquisadora Clarissa de Franco (2010, p. 175).
- 5 Anos após a desativação e transferência do cemitério, foi construído sobre o antigo campo-santo um centro comunitário.
- 6 A cova simples é um tipo de sepultura que caracteriza-se pela ausência de qualquer construção tumular, composto às vezes por ornamentos, como a cruz, ou outro tipo de sinalização, como um montículo de areia ou vegetação.
- 7 Segundo entrevistados, a cruz de madeira era comum devido seu preço, inferior às cruzes de ferro, podendo ser fabricada em casa ou encomendada nas serralherias da cidade, junto do caixão.
- 8 Capela é o nome dado pelos moradores da cidade de Urussanga a uma tipologia de sepultura, que caracteriza-se por ter a forma de uma casa (algumas com janelas, bancos para sentar e altar com fotos dos falecidos), havendo nela espaço para diversos sepultamentos. Em outras regiões do estado de Santa Catarina, as capelas também são conhecidas como mausoléus.
- 9 O Cruzeiro, também chamado de cruz das almas ou santa cruz, é uma cruz que pode ser construída em diversos materiais (como em pedra, alvenaria, madeira ou metal) e fica, em muitos casos, posicionada no centro do cemitério. No caso do atual cemitério municipal de Urussanga é o local onde estão sepultados padres e freiras da cidade. Juntamente com o cruzeiro, há um espaço de celebração das missas do dia dos finados, e na parte de baixo da edificação está localizado o ossuário.
- 10 Lápide é o local na sepultura onde encontra-se a inscrição, constando as identificações do(s) sepultado(s), muitas vezes com o nome do falecido, as datas de nascimento e morte, além do epitáfio.
- 11 O epitáfio é a “inscrição encontrada nos sepultamentos. São frases ou textos adicionais aos dados do sepultado (datas e nome), como citações bíblicas ou frases celebrativas do morto ou de sua memória, geralmente presentes na lápide”, conforme apresenta Elisiana Trilha Castro (2008, p. 34). Para os cristãos, os epitáfios convergem-se muitas vezes em ideais de morte-sono, como salienta Eliade (2007, p. 113).
- 12 “Aqui descansam os restos mortais de (nome) Morto em 9.7.1892, com 40 anos” (tradução nossa).
- 13 Capela com seis gavetas da família Zavarise.
- 14 O primeiro campo-santo inaugurado na cidade é bastante contestado entre os entrevistados. Para Bettiol (2009), o cemitério do centro foi o primeiro a ser inaugurado, mas o de São Valentim foi o primeiro a ser bento. Achile de Pellegrin (2010) menciona o cemitério da capela de São Lourenço como o primeiro a ser construído e bento, enquanto que para Romagna (2010) o primeiro é sem

dúvida o cemitério de São Valentim. Nas documentações da Casa Paroquial, as datações de inauguração são inexistentes, mas sabe-se a partir das inscrições das lápides mais antigas presentes nos três cemitérios, que esses são do final do século XIX e início do XX.

15 Local reservado ao sepultamento de crianças.

Referências

- ARIÈS, Philippe. *O Homem diante da morte*. 2 v. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.
- BARROS JÚNIOR, Francisco de. *Caçando e Pescando por todo o Brasil*. 1ª série Brasil Sul. São Paulo: Melhoramentos, 1945.
- BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- BENEDUZI, Luis Fernando. *Imigração italiana e catolicismo: entrecruzando olhares, discutindo mitos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- BETTIOL, Adão. *Entrevista concedida a Julia Massucheti Tomasi*. Urussanga, 31 de out. de 2009. Entrevista transcrita. 13 páginas.
- _____. *Entrevista concedida a Julia Massucheti Tomasi*. Urussanga, 14 de jan. de 2010. Entrevista transcrita. 7 páginas.
- BIZ, Vitalino. *Entrevista concedida a Julia Massucheti Tomasi*. Urussanga, 31 de out. de 2009. Entrevista transcrita. 17 páginas.
- CASTRO, Elisiana Trilha. *Aqui Jaz um cemitério: a transferência do cemitério Público de Florianópolis, 1923-1926*. 2004. Monografia (Graduação em História) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- _____. *Hierruht in Gott: Inventário de cemitério de imigrantes alemães da região da Grande Florianópolis*. Blumenau: Nova Letra, 2008.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ESCARAVACO, Arnaldo. *Urussanga: as imagens da História*. Urussanga: Edição do Autor, 1984.
- FALCÃO, Luiz Felipe. Encontros Transversos: a questão da identidade cultural italiana em Santa Catarina no Final do Século XX. *Fronteiras*, n 12, p.75-88, jul. 2004.
- FRANCO, Clarissa de. *A cara da morte: os sepultadores, o imaginário e o universo onírico*. Aparecida: Idéias e Letras, 2010.
- FREIRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos*. 12.ed. Rio de Janeiro: Rercord, 2000.
- GÓMEZ, Carlos Minayo; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Enfoque ecossistêmico de saúde: Uma estratégia transdisciplinar. *Interfacehs Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*, 2006. Disponível em: <http://www.interfacehs.sp.senac.br/br/artigos.asp?ed=1&cod_artigo=11>. Acesso em: 10 mar. 2010.
- GOOGLE EARTH. Localização espacial do cemitério municipal de Urussanga, 2010. Disponível em: <<http://maps.google.com/maps?t=h&hl=pt-br&ie=UTF8&ll=->

- 28.516811,-49.322098&spn=0.003243,0.019205&z=16>. Acesso em: 20 mar. 2010
- MARQUES, Agenor Neves. *Livro do Tombo da Paróquia da Imaculada Conceição de Urussanga*, nº 2, 01 de abril de 1945. Acervo Casa Paroquial de Urussanga.
- MICHAELIS ON-LINE. In: DICIONÁRIO online Michaelis UOL, 2012. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues>>. Acesso em: 14 maio. 2012.
- PELLEGRIN, Achile de. *Entrevista concedida a Julia Massucheti Tomasi*. Urussanga, 15 de jan. de 2010. Entrevista transcrita. 14 páginas.
- PIACENTINI, Marlene. *Entrevista concedida a Julia Massucheti Tomasi*. Urussanga, 1 de nov. de 2009. Entrevista transcrita. 3 páginas.
- PILOTTO, Dionisio. *Registro de venda de lotes do cemitério municipal Ala Velha*. Prefeitura Municipal de Urussanga. 1951. Acervo Prefeitura Municipal de Urussanga.
- PIVA, João Luiz. *Registro de venda de lotes do cemitério municipal Ala Nova*. Prefeitura Municipal de Urussanga. 1982. Acervo Prefeitura Municipal de Urussanga.
- REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. *Cemitérios*. São Paulo: Necrópolis, 2007.
- RIOS, José Arthur. Sentimento religioso no Brasil. In: HORTA, Luiz Paulo (Coord.). *Sagrado e profano: XI retratos de um Brasil fim de século*. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- ROMAGNA, Amabile. *Entrevista concedida a Julia Massucheti Tomasi*. Urussanga, 15 de jan. de 2010. Entrevista transcrita. 9 páginas.
- SILVA, Ana Carolina Wessler Prudêncio da. *A construção de uma Itália brasileira: festas e produções culturais em Urussanga (1984-2004)*. 2006. 57 p. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- SILVA, Marilda R. G. Checcucci Gonçalves da. *Imigração italiana e vocações religiosas no Vale do Itajaí*. Campinas: Editora da Unicamp (Centro de Memória), 2001, 240 p.
- TRENTO, João. *Entrevista concedida a Julia Massucheti Tomasi*. Urussanga, 16 de jan. de 2010. Entrevista transcrita. 7 páginas.
- ZANIN, Maria. *Entrevista concedida a Julia Massucheti Tomasi*. Urussanga, 01 de nov. de 2009. Entrevista transcrita. 5 páginas.